



MISÉRIA Histórias traduzem o retrato de Pernambuco, que tem a quarta maior população do País vivendo abaixo da linha de pobreza

Uma realidade inaceitável

MARGARIDA AZEVEDO
mazevedo@jc.com.br

Um quilo de fubá para fazer cuscuz, além de um tomate, duas cebolas, um pepino e duas cenouras. Com esses ingredientes, Rosemere Pires dos Santos, 38 anos, improvisou o almoço para ela, nove filhos e dois netos. Sua família é o retrato da extrema pobreza em Pernambuco, Estado que tem a quarta maior população do País vivendo abaixo da linha de pobreza, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Divulgado nesta semana, o Mapa da Nova Pobreza revela que 50,3% dos pernambucanos têm renda per capita familiar abaixo de R\$ 497 por mês. Com 9,6 milhões de habitantes no Estado, dá mais de 4,8 milhões de pessoas nessa situação. No País esse índice é de 29,6% (62,9 milhões de brasileiros).

Além de estar entre as unidades da federação com maior contingente de pobres (atrás apenas do Maranhão, Amazonas e Alagoas), Pernambuco foi o Estado em que mais pessoas entraram nesse grupo durante a pandemia de covid-19. "O incremento da pobreza em Pernambuco entre 2019 e 2021 foi de mais 8,1%, o maior aumento do País. Nacionalmente esse índice cresceu 4,54%", explica o diretor da Fundação Getúlio Vargas e coordenador da pesquisa, Marcelo Neri.

"Pernambuco foi o Estado onde mais cresceu a pobreza. Isso surpreendeu. Fiz um estudo um ano e meio atrás para a OCDE. Em 2020, o Estado se destacou na melhora da pobreza e na piora nos ingredientes trabalhistas", diz o pesquisador. "Preocupa pois sabemos das potencialidades do Estado, mas é um dado que chama a atenção".

Rondônia, Espírito Santo e Bahia foram os outros três Estados com maior crescimento da população vivendo abaixo da linha de pobreza (6,31%, 5,92% e 4,90%, respectivamente). O estudo usa dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do IBGE.

Rosemere não consegue um trabalho formal porque precisa cuidar dos filhos. Os R\$ 782 que recebe do Programa Bolsa Família, do governo federal, não são suficientes para comprar comida e bancar outras despesas. A família mora numa palafita no bairro dos Coelhos, área central do Recife, uma das comunidades mais carentes da capital pernambucana.

"Tenho 13 filhos, mas vivo com o marido só nove, o mais velho tem 17 anos e o mais novo 8 meses. Tento dinheiro extra como ajudante de pedreiro ou faxineira. Mas só quando eles estão na escola ou na creche. Com a pandemia piorou mais, quase não aparece trabalho", lamenta Rosemere. No casebre de madeira, um beliche é dividido por quatro adolescentes, duas em cada cama. Na pequena cozinha, um tijolo vira fogão, como fazem os detentos nos presídios.

"Não tenho vergonha de pedir. Sempre tem um vizinho ou alguém da comunidade para ajudar. O dinheiro do Bolsa Família não chega no fim do mês. Se não fosse a boa vontade das pessoas, passaríamos fome. O que mais dói é um filho querer um biscoito, uma comida e você não ter. Fico com o coração apertado", diz Rosemere.

POR REGIÃO

Ao observar a distribuição da população pobre no Estado, o estudo da FGV mostra que o Agreste pernambucano é a região que concentra mais pobres: 59,62%. Significa que nessa região, de cada dez pessoas, seis estão vivendo abaixo da linha de pobreza. Em seguida, apareceram a Zona da Mata (54,89%), Sertão (54,19%), o Grande Recife (45,16%) e por fim a capital (36,19%).

"Recife tem mais de um terço da população abaixo da linha de pobreza", destaca Marcelo Neri. "Durante a pandemia, foi na capital onde houve o maior salto em direção à pobreza. Cresceu 11,34% entre 2019 e 2021", informa o economista da FGV. A cidade tem cerca de 1,6 milhão de habitantes.

Adriano Gomes da Hora, 38 anos, sofre os efeitos da pandemia. Era funcionário de uma empresa terceirizada que colocava lonas plásticas nos morros do Recife. Com a chegada da covid-19, ficou desempregado. Agora passa os dias puxando uma carroça por bairros de classe média da capital. Para conseguir R\$ 10, precisa juntar 100 quilos de papel ou papelão.

"Só pagam R\$ 0,10 pelo quilo. E se o papelão tiver molhado cai para R\$ 0,5. É muito pouco. Trabalho de domingo a domingo, de 5h até 22h, num tem isso de descansar. Três filhos dependem de mim. Eles não pediram para nascer, tenho que conseguir comida para levar para casa todos os dias", diz Adriano. Na carroça, ele colocou duas placas. "Se puder me ajude com alimento e trabalho", diz uma delas. "Posso limpar uma caixa d'água, tirar metralha, arrancar mato do quintal", explica Adriano, que prefere não arrumar emprego formal.

AÇÕES

"Estamos no nível mais alto de insegurança alimentar. A inflação também preocupa, está alta e precisa ser domada. Tem que combater o desemprego. São muitos desafios", ressalta Marcelo Neri. "Estamos numa montanha russa. O aumento da pobreza é reflexo da instabilidade não só causada pela pandemia e pela guerra na Ucrânia, mas também por políticas públicas que deveriam estabilizar e não exacerbar o cenário", diz Marcelo Neri.

"A pobreza está numa situação crítica. Importante não deixar a virar crônica. Em 20 anos, entre 1993 e 2014, conseguimos reduzi-la em 75%", afirma o pesquisador, destacando ser otimista.

"Pernambuco tem feito boas ações na educação, no ensino médio com escolas integrais. Certamente é uma política que vai ajudar no futuro. Tem também o Porto Digital, que coloca o Estado numa posição boa em termos de novas tendências. Com políticas públicas consistentes, locais e estaduais, a curto e longo prazo, esperamos que a pobreza se dissipe", diz Marcelo Neri.

Morando há quase uma década embaixo de um viaduto numa das principais avenidas da cidade, a Agamenon Magalhães, o biscoiteiro Fernando Victor de Melo, 49 anos, espera mesmo por mudanças. "Minha filha nasceu aqui. Está com 9 anos. Meu sonho é ter um canto só nosso. Mas a cada um acho mais difícil disso acontecer".



MUITA DIFICULDADE Com 9 filhos e 2 netos, única renda de Rosemere é R\$ 782 do Bolsa Família. Na casa, o fogão é substituído por um tijolo



ESFORÇO PARA COMER Sem emprego, Adriano Gomes puxa carroça de domingo a domingo para catar e vender recicláveis e sustentar família

Artigo

Questão do guepardo e pobreza

IGOR MACIEL
imaciel@jcc.com.br

Dois homens estão perdidos na savana africana, quando dão de cara com um guepardo. O bicho é, simplesmente, um dos mais rápidos seres vivos no planeta. Um, assustado, vira para o outro e diz: "Estamos mortos. Nunca vamos conseguir correr dele". O outro responde: "Eu não preciso correr do guepardo, basta eu ser mais rápido do que você".

Procure "guepardos" nas estatísticas brasileiras. Violência, pobreza, desemprego, e Pernambuco sempre será um dos que ficou para trás. É o que revolta no discurso nacionalizado sobre todos os problemas locais que o PSB faz em campanhas. A culpa é sempre de Bolsonaro (PL), como era de Temer (MDB), como era de Dilma

(PT). Ninguém pode negar que os últimos anos foram difíceis, ninguém pode acreditar que o resto do país estava às maravilhas enquanto Pernambuco agonizava em seus índices. Mas sempre estamos nas últimas posições e isso é característico de quem não está preparado para dificuldades. O mais recente levantamento desse tipo, da FGV, mostrou que mais de 50% da população pernambucana está na pobreza. Significa que, aqui, quase 5 milhões de pessoas estão nessa situação e sobrevivem com menos de R\$ 500,00 por mês.

Pernambuco é um dos quatro únicos estados (de 26 mais o DF) a terem mais de 50% dos habitantes nessa situação. Fica mais feio: esse mesmo estudo aponta que Pernambuco foi o que mais piorou entre 2019 e 2021. Aqui, a pobreza subiu 8%

no período. Ninguém piorou tanto quanto Pernambuco. Mas, o problema é o presidente da vez, "claro". Nesse estudo da FGV sobre a pobreza, Pernambuco está em situação pior do que o Piauí e o Acre, por exemplo. No início do ano, em outro levantamento, do IBGE, Pernambuco apresentou a segunda maior taxa de desemprego entre os estados. Aqui o percentual de pessoas sem trabalho chega a 17%. No Brasil esse número é de 11%. O guepardo nem é tão rápido, nós é que somos muito lentos.

Não é apenas desemprego e pobreza. Violência também. Esta semana o Fórum Brasileiro de Segurança Pública divulgou uma lista com as "30 cidades mais violentas do país" (dentre mais de 5,5 mil municípios). Adivinhe: qual Estado tem duas cidades na lista? Exato, Pernambuco. O

Estado teve média de nove assassinatos por dia. Somos o quinto mais violento do país (dos 27). Mas, a "culpa é dos presidentes".

A questão do guepardo encaixa bem porque não nega que há uma crise, não nega que é preciso correr e enfrentar um desafio, não nega a obediência de uma crise nacional e mundial que basta estar atento para entender e sentir na pele. Mas se estamos todos na mesma savana, correndo do mesmo bicho, porque sempre ficamos para trás? Pernambuco deixou de ser protagonista há anos e, com as potencialidades conhecidas, é impossível não pensar que isso se deve à falta de competência. Principalmente quando outras gestões, na mesma região, com os mesmos desafios, igualmente na oposição, conseguem resultados muito melhores.